

Artigo recebido em:
30.09.2019
Aprovado em:
20.05.2020

Mônica Rebeca Ferrari
Nunes

Docente e Pesquisadora
do Programa de Pós-
-Graduação Stricto Sensu
em Comunicação e Práti-
cas de Consumo, PPG-
COM- ESPM, SP, desde
2012. Líder do Grupo
de Pesquisa MNEMON,
Memória, Comunica-
ção e Consumo (CNPq/
ESPM).

E-mail: mrfnunes55@
gmail.com

Rádio que *parla d'amore*: memórias do amor e de um país imaginado como romântico¹

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Resumo

Este artigo apresenta o programa radiofônico Dick Danello *Parlando d'Amore* que permaneceu no ar de 1981 a 2016 em emissoras paulistas. O programa pode ser compreendido como documento que integra a memória radiofônica brasileira e revela um gênero pouco estudado, programas para imigrantes e seus descendentes. O artigo objetiva analisar esta linguagem composta por cartas de ouvintes, seleção musical, a linguagem do performer Dick Danello. Teorias do rádio, da escuta e dos afetos que apontam a relevância do sentido da audição e dos vínculos entre performer e ouvinte para a experiência radiofônica assim como estudos sobre o amor e a canção romântica fundamentam teoricamente o trabalho. Entrevistas e consultas a documentos de arquivo também compõem o percurso metodológico. Espera-se demonstrar a importância das vinculações amorosas para a construção da (s) memória(s) que programas voltados à comunidade de imigrantes italianos produziram ao longo da história do rádio brasileiro.

Palavras-chave: Programas radiofônicos. Historiografia do rádio no Brasil. *Parlando d'Amore*.

A radio that *parla d'amore*: memories of love and of a country imagined as romantic

Abstract

This paper presents the radio program named Dick Danello *Parlando d'Amore* which stayed on the air of stations in the state of São Paulo from 1981 to 2016. The program can be understood as a document that integrates the radio memory of Brazil and reveals an understudied genre: programs for immigrants and their descendants. The article aims to analyze this language as letters from listeners, music selection, the language used by the performer Dick Danello. The theoretical basis of this study is formed by theories of the radio, of listening and affections pointing to the relevance of the sense of hearing and the bonds involving performers and listeners for the radio experience as well as studies on love and romantic songs. Interviews and consultations to archive documents are also part of its methodological route. This article is expected to demonstrate the importance of love bonds for the construction of memory that programs targeting the community of Italian immigrants have produced throughout the history of the radio in Brazil.

Key words: Radio programs. Historiography of the radio in Brazil. *Parlando d'Amore*.

A história do rádio brasileiro não poderia ser dada a ouvir sem relevar as programações musicais que, não ao acaso, permaneceram na radiofonia e puderam gerar formatos inesperados. Assim ocorreu com a música italiana e os programas voltados para imigrantes e descendentes cerzidos em torno dela, objeto deste artigo.

Já na década de 1930, há na programação da *Rádio Kosmos, Cruzeiro do Sul* e *Record* programas musicais italianos, mas não só. Programas argentinos, portugueses, americanos, alemães, espanhóis, franceses, até mesmo russos e austríacos participavam das grades da programação disponibilizada na seção *Radiotelephonia*, do jornal *O Estado de S. Paulo* (MORAES, 1999), uma vez que neste período, a divulgação diária dos programas de rádio merecia destaque e espaço fixo nos jornais impressos (LIMA, 2017). A música estrangeira convivia com a nacional, e, muitas vezes, por meio de revezamentos: “a *Rádio Educadora Paulista*, por exemplo, nos meses de janeiro e fevereiro de 1934, alternava os programas ‘música italiana por Marcelo Scarpadini’, ‘Nino Bien. Tangos’ (...) seguidos por ‘Canções americanas pela Srta. Dulce Weythig,’” comenta o historiador Vince de Moraes (1999, p. 85).

Mais do que percorrer as grades das programações, quer-se ressaltar a heterogeneidade musical estrangeira em diálogo com o processo migratório observado em São Paulo. Sabe-se que nem todas as etnias que imigraram para o Estado ou para o Brasil encontraram espaço de representação nas mídias. Mesmo assim, Vince de Moraes (1999) menciona um programa exibido na *Rádio Kosmos*, em 1935, cujo nome, *Hora Cosmopolita*, sugeria a diversa composição social, étnica e cultural da Pauliceia, provavelmente, em função dos fluxos migratórios vindos para a cidade em ondas distintas desde a segunda metade do século XIX.

O rádio não só reuniu em suas programações transmissões de discos, apresentações de orquestras, de *cast* de músicos italianos como tornou possível a permanência, no dial, e, atualmente, na web, de programas de música italiana que ampliaram, ao longo da história do próprio veículo, seu arco de atuação. Divulgação de festas, comemorações, notícias de interesse das comunidades imigrantes encontraram guarida nestas programações que mantiveram a música como carro-chefe. Estes programas podem ser compreendidos como textos de cultura, no sentido de Iuri Lótman (1996): unidade mínima da cultura capaz de gerar novos significados, mas também de preservar a memória de seus contextos anteriores. Nestas condições, condensam e geram novas memórias a partir da terra deixada e de suas representações simbólicas como a música.

Ao investigar imigrantes e descendentes italianos da segunda e da terceira geração em São Paulo, Valéria Magalhães (2013, p. 128) parte da hipótese de que “o imigrante traz a musicalidade em seu arcabouço de lembranças como uma forma de reforço de sua identidade e de recurso de afirmação subjetiva frente às adversidades de seu projeto migratório”. Sua pesquisa mostra que a memória musical fora preservada não só graças a reuniões familiares e à comunidade, mas também, à escuta radiofônica. Mesmo com a proibição do uso do idioma italiano em público, durante a Segunda Guerra, foi possível manter o contato com a língua e com o país por meio da escuta de programas de rádio e também conhecer novas canções. Nas palavras de um dos depoentes da pesquisa:

A década de 1940, a década da Guerra, foi a década que a música italiana, digamos assim, entrou no meu ouvido e na minha alma. Naquele tempo havia pelo menos dois, talvez três programas italianos de rádio. ‘A Hora Italiana’ tinha mais de uma hora italiana. Eu acho que era uma durante o dia, não me lembro essa hora, e seguramente uma à noite, lá por volta das nove e meia da noite, por aí. (Antônio apud MAGALHÃES, 2013, p.133).

A *Hora Italiana*, hoje na *Rádio Difusora Web*, foi citada mais vezes nos depoimentos coletados pela autora, ainda que seus entrevistados não precisaram a época exata das audições do programa nem mesmo a emissora. “Tudo indica que tenha sido um programa ouvido há muito tempo pela comunidade imigrante,” conclui Magalhães (2013, p. 134). As pesquisas sobre memórias étnicas e mídias, de Bonin

¹Versão modificada e ampliada de trabalho apresentado no GP Culturas Urbanas do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2017.

(2009), corroboram o valor do rádio entre ítalo-brasileiros, desta feita, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. Os entrevistados da pesquisa lembram a *Rádio Bento* como fonte de escuta de “um programa em italiano, com piadas e notícias da região” (BONIN, 2009, p.92).

Como textos de cultura, os programas para imigrantes falam às camadas da memória de sua audiência: a um só tempo biográfica e coletiva (HALBWACHS, 1990). A memória coletiva abriga a memória midiática construída pelas canções italianas e por todos os programas que as tocaram, por sua vez, acionada por locutores-performers, na dimensão artística de suas atuações, atratores de muitas demandas.

Este artigo objetiva analisar a linguagem do programa radiofônico italiano, *Dick Danello Parlando d'Amore*, no ar durante 35 anos ininterruptos em várias emissoras paulistas. Tal longevidade permite afirmar que se trata de um documento da memória midiática e da historiografia do rádio brasileiro, além de marcar um gênero pouco estudado, os programas radiofônicos para imigrantes e seus descendentes.

A memória do imigrante pode doar narratividade aos espaços imaginados e aos territórios de origem que ganham textura e presença simbólica graças às imagens espaciais e auditivas transmitidas pela voz-memória de locutores-artistas, de intérpretes e de suas canções (NUNES, 2013). De outro modo, a paisagem sonora de cada época igualmente contribui para a criação destas memórias.

No correr da década 1960, com ajuda da televisão e do rádio, a canção italiana se tornou parte da paisagem sonora da cidade de São Paulo, em certa medida, graças aos sucessos do *Festival della canzone italiana*, Festival de Sanremo, criado em 1951, em Sanremo, região da Ligúria (VALENTE, 2018). É no contexto musical e histórico dos anos 1970, em que Sanremo fazia ainda sucesso no rádio, que o compositor e intérprete Filippo Danello, italiano da Calábria, radicado no Brasil desde 1956, inicia sua carreira artística sob o pseudônimo de Dick Danello, destacando-se na Jovem Guarda, no cinema, na televisão e no rádio.

Em 1981, ele produz *Dick Danello Parlando d'Amore* e, no decorrer de anos, percorre muitas emissoras: *Excelsior*, *Gazeta AM*, *Capital*, *Record AM*, *FM*, *Nova FM*, *Trianon AM 740 Khz* e *AM 810 Khz*, *Santos*, onde encerrou suas transmissões em 2016. Nesta extensa trajetória, *Parlando* recebeu vários prêmios² concedidos pela Câmara Municipal de São Paulo como sendo um veículo de valorização da cultura italiana. Criou novidades, mas manteve os mesmos códigos que perfazem a linguagem do programa: músicas italianas, divulgação de eventos em São Paulo ligados à comunidade ítalo-brasileira, cartas de ouvintes, frases e conversas dirigidas à audiência.

Neste trabalho, apresentam-se os depoimentos do locutor-artista obtidos em entrevistas³, assim como trechos de cartas de ouvintes enviadas à Danello ao longo de sua permanência no ar. Pude acessar este material por ocasião de nosso primeiro contato. Detive-me sobre as 15 postagens que me foram disponibilizadas, escritas entre 1981 e 2001, trazendo ao artigo seis delas, selecionadas como amostras da totalidade do material. Os depoimentos e as cartas participam da fundamentação teórico-metodológica que conta com autores de Teorias do Rádio, da Antropologia da Escuta, de pesquisas sobre canção, assim como das Ciências Sociais para auxiliarem a entender os vínculos afetivos que se materializam como linguagem do programa.

O artigo divide-se em cinco seções destinadas a abordar: a construção dos vínculos sonoros e seus fundamentos afetivos; a performance de Danello e a participação dos ouvintes; o lastro do amor romântico na representação da Itália; as canções e as cartas de ouvintes; considerações finais. Espera-se demonstrar a importância destas vinculações para a construção das memórias que programações voltadas a comunidades imigrantes produziram no decorrer da história do rádio brasileiro, da qual *Dick Danello Parlando d'Amore* constitui-se em paradigma.

²Medalha 9 de julho, em 1982, Diploma da Assembleia Legislativa, em 1986, Prêmio Tanit-Espanha, em 1986, Medalha do Mérito Artístico e Cultural pela ABACH, em 2000 e, no mesmo ano, Personalidade da Música Italiana.

³As entrevistas foram realizadas em datas diferentes: 31 de outubro de 2012, no estúdio do artista, em São Paulo, capital; julho de 2017, via messenger. Nesta ocasião, Dick Danello afirmou que o programa voltaria ao ar. Até o fechamento da versão enviada a este dossiê, não havia notícias de sua reestreia.

Escutar rádio: vínculos e amor

⁴Os nomes dos ouvintes foram modificados visando preservar a privacidade de cada um. Todas as cartas citadas foram coletadas do arquivo pessoal de Dick Danello. Os locais de postagem e datas estão indicados a cada menção.

⁵Carta postada de São Bernardo do Campo, São Paulo, em 25 de setembro de 1983.

⁶Carta postada sem remetente em 22 de outubro de 1982.

⁷Carta postada de São Paulo, capital, em 5 de junho de 1983.

O estúdio de Danello abriga três salas repletas de vinis, enciclopédias de músicas italianas, fotografias dele quando jovem, pôsteres de filmes dos quais participou como ator, de festivais musicais, como Sanremo, partituras, roteiros de programas de rádio, cartas de ouvintes e muitos objetos que revelam a carreira performática do locutor: ator, compositor, intérprete, pesquisador, produtor musical e radiofônico.

O programa de rádio *Dick Danello Parlando d'Amore* nasceu de uma escuta amorosa, esclarece em entrevista. Na década de 1960, Dick era ouvinte do programa *Una voce italiana nel cielo del Brasile*, transmitido pela *Rádio Gazeta FM*, aos sábados, das 11h30 às 12h00, produzido e apresentado por Antonella Petrucci e Gianpaolo Flaviolli. “Eu conheci a Antonella Petrucci, e quando ela faleceu deixou o seu acervo (...) pra mim, pois ela achava que eu era aquele que continuaria de alguma maneira a divulgar a música italiana” (DANELLO, 2012). A partir de então, Dick fora incentivado a criar seu próprio programa.

A incursão pela radiofonia se mostrou mais duradoura do que suas performances cinematográficas. “O rádio é uma experiência linda porque continua sendo um meio de comunicação indispensável”, afirma, e insiste na importância de “saber o que está falando, saber o que está apresentando, saber a história daquilo” para poder conduzir um programa de rádio. Reforça que seu desejo, ao longo da carreira, foi o de “mostrar um pouco da cultura italiana, do *made in Italy*” (DANELLO, 2012).

Não apenas imigrantes italianos e descendentes compõem a audiência que durante anos enviou telefonemas e cartas pedindo músicas e declamando afetos, escrevendo frases para concorrer aos prêmios oferecidos pelo radialista. O público de *Parlando d'Amore* caracterizou-se como amante da música italiana, de Danello e da própria Itália – uma Itália materializada pelas palavras do artista quer na forma da apresentação radiofônica quer como a tradução que faz das letras das canções. Conforme escreve Angélica⁴, fã do *Parlando* e de Dick:

*Querido Dick, é com enorme prazer que lhe escrevo pela primeira vez, ouvi seu programa uma vez e nunca mais deixei de ouvi-lo, isso faz quase um ano. Sabe, adoro quando você fala aquelas frases maravilhosas e traduções das músicas, tudo o que você fala transmite amor, pois o que falta no mundo é o amor, acho que deveria haver parlando d'amore todos os dias e não só no sábado (...). Querido, não sou italiana e nem descendente, mais tudo que diz Itália é romântico e bonito.*⁵

Não é novidade, mas vale repisar sobre a capacidade do rádio para criar laços afetivos entre ouvinte e locutor. Finaliza a ouvinte: “Ah! Querido, para você o meu doce beijo e um pedacinho do meu coração. De sua fã, Angélica”. Ser suscetível aos efeitos da audição e ao prazer obtido com a escuta da musicalidade da voz, possibilitando a terna relação estabelecida pela transmissão radiofônica, tem suas origens nas complexas intersecções entre as paisagens sonoras e musicais que antecedem o nascimento, na presença arquetípica da voz materna e no prazer engendrado pelo jogo com as próprias vocalizações (NUNES, 1999).

O interesse humano pelo canto, pela música e a força signífica da voz reforçam aquela que traz e traduz músicas românticas, a voz performática de Danello e a dos intérpretes das canções. Estas vinculações aparecem nas postagens dos ouvintes, a exemplo da carta de Pereira: “amanhã, sábado, estarei atento para deliciar meus ouvidos com a bonita música italiana”⁶. Ou Francisco: “(...) permita-me parabenizá-lo por este programa – essas músicas maravilhosas, belíssimas, gostosíssimas, estonteantes, fantásticas, apaixonantes que me fazem dar longos e nostálgicos suspiros (...)”⁷.

O sentido da audição e o do movimento são os primeiros a surgirem (WULF, 2007). Recém-nascidos não conseguem distinguir cores, somente com cerca de três meses de idade, à medida do desenvolvimento do córtex visual, entretanto, podem diferenciar ritmos e tons (ROSE, 2006) – o que justificaria, do ponto de vista ontogênico, o interesse pela música percebido nas culturas (TREHUB, 2003).

Com base nas particularidades do sentido da audição, especialmente por ser um sentido retroativo, ou seja, o locutor ouve a si mesmo – o antropólogo Christoph Wulf imputa ao ouvido papel preponderante para a constituição da subjetividade – fundada no complexo processo da percepção e afetação de si, pois além de ouvirmos os sons de nosso próprio corpo, ouvimos a fala, sempre social e individual: “quando uma palavra endereçada a um outro homem é percebida, torna-se para o locutor e para o ouvinte o ponto de partida para outras palavras e assim por diante” (WULF, 2007, p. 59). O ouvido, prossegue o antropólogo, é um órgão ligado à socialização, ao estabelecimento de vínculos.

Sentimentos de segurança e pertença se formam pela percepção da interpelação. O sentido do ouvido é o sentido social. Nenhuma comunidade social se forma sem que os membros aprendam a se escutar. Crescemos em uma cultura com a ajuda da percepção dos barulhos, das sonoridades, das tonalidades e das palavras. Esses processos começam antes do nascimento, e se intensificam depois do nascimento e na primeira infância (WULF, 2007, p. 58).

As sutilezas do ouvido e da escuta ganham densidade nas transmissões radiofônicas, uma vez que o sentido da audição e a voz, que soa do rádio como materialidade sígnica, predominam. Não desconhecemos o uso de recursos multimidiáticos no rádio, hoje, que apontam para a presença de outros sentidos na produção radiofônica, especialmente na jornalística, que se completa com elementos não apenas sonoros, como sinaliza Sonia Pessoa (2016), tampouco desprezamos a sinestesia mobilizada pela radioarte que faz dos olhos parceiros dos ouvidos, parafraseando Lilia Zaremba (2016). Porém, no âmbito dos programas para imigrantes e descendentes dos quais tratamos, especialmente, em *Parlando D’Amore*, há um jogo comunicativo fundado nas vinculações ampliadas pelo sentido da audição e proporcionadas pela própria biologia do amor expandida nas passionais escolhas do artista, da seleção musical às frases proferidas ao longo e ao final do programa.

A psicóloga alemã, Verden-Zöller, entende que nossa capacidade para a coexistência social surge à medida que crescemos validando a autoaceitação graças à aceitação do outro, e isso se torna possível nos encontros íntimos, corporais, com nossas mães, em nossa primeira infância, na confiança mútua e total que esta interação deve prover. A autora argumenta: “nós, os seres humanos, temos a capacidade de viver no amor se crescemos no amor, e necessitamos viver no amor para nossa saúde espiritual e fisiológica” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2003, p. 83).

Logicamente podemos aprender o ódio, a indiferença, a desconfiança, mas, quando isto ocorre e se torna central na sociedade, a própria vida social se extingue e, como a vida social está fundada no amor, é o próprio humano que se acaba com o fim da convivência social. A pesquisadora afiança: “o amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência na aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres humanos ou não” (VERDEN-ZÖLLER, 2003, p.83).

Podem-se alargar os processos de produção de vínculos e de socialização para pensar o rádio. A tessitura escuta/voz/música sustentada por emoções tão primordiais, como a presença do amor nos fundamentos do humano e pela impossibilidade de não nos comunicarmos, seguindo os axiomas comunicacionais propostos pelos autores de Palo Alto (WATZLAWICK, 1993), repercute no corpo daquele que escuta rádio. Cabe aqui a reflexão: “na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão” (MENEZES, 2008, p. 117). Ancoradas pelo amor, letra, escuta, voz (e sua musicalidade), as operações da memória aproximam corpos simbolicamente. Enredam-se o corpo do artista Dick Danello e o do ouvinte que pode dirigir a ele suas demandas de amor: a música, a Itália, o ser amado; e receber este afeto de volta, o eu-te-amo, como enuncia Barthes (1984).

À escuta de Dick Danello

⁸A grafia correta da palavra, na língua italiana, é *cielo*; em português, *céu*.

⁹Carta postada de São Paulo, datada de 25 de fevereiro de 2001.

Se o amor é o fundamento do humano e se os vínculos sonoros fortalecem a socialização, neste caso conduzida pela voz do locutor e por toda sorte de elementos audiofônicos mobilizados em suas transmissões – contando com a memória do ouvinte, falas amorosas dirigidas à audiência adquirem credibilidade talvez por estarem apoiadas em experiências pessoais. Assim, Dick Danello (2012) explica suas intervenções: “as coisas que eu falo no meu programa não invento, eu vivi aquilo, paixões, acontecimentos, amores, (...) então, a gente solta uma frase, não é uma frase buscada, mas é sentida e vivida”.

Exemplifica o seu repertório de frases vividas rememorando a paixão que uma secretária nutria por ele: “um dia disse pra ela: olha, tudo aquilo que é feito com amor não é pecado. Livrei ela desse conflito todo (DANELLO, 2012)”. Segue dizendo que o ouvinte percebe o envolvimento que certas frases contêm e responde com a escuta fidedigna. O público de *Parlando d'Amore* buscou romantismo, segundo Dick Danello. De alguma forma, o ouvinte procurou no repertório selecionado de canções, ou de frases amorosas, as vinculações necessárias à sua sobrevivência em face das dificuldades do cotidiano. E, desta maneira, ter a carta atendida, o pedido da música ou de uma frase romântica pode ainda simbólica e imaginariamente permitir o deslocamento do ouvinte a outro tempo e a outro lugar.

Ana, 75 anos, filha de imigrantes italianos, escreve pela primeira vez a um programa de rádio para elogiar Dick, pedir músicas e intérpretes preferidos. “Gostaria que num dia bem próximo, durante o programa *Parlando D'Amore*, eu ter a oportunidade de fechar os olhos e ao som da voz de Tito Schipa, sentir-me quase em cello⁸, ouvindo Senza Nisciuno, que desde já agradeço e aproveito para oferecê-la ao senhor”⁹.

Esta ouvinte dirige suas demandas amorosas, tentativas de completude da ordem do imaginário (LACAN, 1985), a Dick, alimentando o desejo de um céu paradisíaco – quiçá da própria Itália – por meio da voz de um determinado cantor. Também quer conhecer a história da música que solicita e descobrir a relação entre a canção Caruso, de Lucio Dalla, e o nome do cantor Enrico Caruso. Estas inquietações correspondem ao que Danello (2012) afirmou: a maioria do seu público conhece a música italiana. Ele investiu nesta vertente, iluminando histórias, episódios de Festivais, realizando as traduções das canções para fortalecer a importância e a divulgação da música italiana.

Entretanto, as projeções do imaginário, os modos de vinculação e a produção de subjetividade por meio da ecologia radiofônica podem ser testemunhadas em outras formas de demandas de amor, para além dos pedidos musicais. Uma das cartas encontradas no arquivo do artista chama particularmente atenção. A jovem Zilda pede a Dick que faça a mediação entre ela e um conhecido cantor italiano, Amedeo Minghi. E assevera que apenas Dick poderá ajudá-la naquela conquista, pois supõe que os dois sejam amigos. Esta ouvinte lhe escreve várias vezes, de certa forma, cobrando-lhe auxílio. Mais do que o apelo de uma fã, é a sociabilidade fundada nas vinculações sonoras e de amor que reforçam a crença de Zilda na ajuda mediada pelo apresentador para viabilizar a aproximação desejada.

A história deste programa revela tipologias de amor, seja dirigido a um sujeito idealizado, como o que lemos na carta de Zilda, seja à música italiana, tais as declarações de Angélica, Pereira, Francisco e Ana. De todo modo, as demandas estão sempre mediadas pelo amor ao próprio radialista Dick Danello.

Memórias do amor romântico

Anthony Giddens (2011) registra que o amor romântico se faz presente no final do século XVIII absorvendo os elementos do amor paixão, ainda que tenha se tornado diferente dele. Um destes elementos é a idealização temporária do outro. Mesmo que estas mudanças ocorram no âmbito burguês inicialmente, o romance e o romance-folhetim divulgam os ideais do amor romântico em maior escala e esta

forma de amor se torna universal. “Ser romântico passou a ser sinônimo de cortejar” (GIDDENS, 2011, p. 36). Interessa a este artigo o fato de que o amor romântico introduz uma “narrativa para uma vida individual (...) contar uma história é um dos sentidos do romance, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal” (GIDDENS, 2011, p. 50).

A narrativa pessoal se vale também do aspecto sublime do amor, separado das compulsões eróticas típicas do amor apaixonado. Giddens explica que a atração no amor romântico é entendida como um ato comunicativo que evidencia as qualidades do outro de modo a tornar a vida de alguém completa. Este signo de completude aparece igualmente nas canções selecionadas em *Parlando d'Amore* cujas temáticas, observadas na próxima seção, falam de um amor romântico, sublime, com traços de amor paixão, mas capazes de mobilizar as buscas imaginárias do ouvinte seja por um amor físico ou por um país.

Este gênero de programa radiofônico poderá reconstruir a memória daqueles que perderam a solidez da terra natal, como os imigrantes ou de seus filhos nostálgicos pelo país narrado por seus pais, como ilustra a carta da ouvinte Ana que deseja o céu paradisíaco da Itália ancestral.

No contexto historiográfico de programas portugueses no rádio voltados para imigrantes e descendentes, permanecem canções que rearticulam, sempre de modo novo, paisagens vividas e inventadas (NUNES, 2013). Tanto do ponto de vista neurobiológico como cultural, é tácito o entendimento sobre a inexatidão das lembranças, graças ao fato de não serem armazenadas como reproduções fac-símiles da realidade, mas construídas por complexos processos neurais. Steven Rose (1994, p. 369) sublinha: “a memória não corresponde a uma inscrição passiva de dados sobre a tábua de cera do cérebro, mas consiste em um processo ativo”. Esta ativação constante permite dizer que a memória é também invenção, construção.

Como um programa que tem em sua audiência italianos e descendentes, mas não só, *Parlando d'Amore* segue o mesmo tom que os programas portugueses. Isto é, sua programação musical (re) inventa certa paisagem perdida, uma Itália imaginada. Mas, afinal, que Itália é esta? João Bertonha (2005) esclarece que entre 1870 e 1970, mais de 26 milhões de pessoas deixaram o território italiano para viver em outros lugares. O autor postula que a migração é um fenômeno comum entre os italianos, um fenômeno conhecido desde a Idade Média, e que o ato de migrar, seja para cidades interiores à Itália ou para fora da península, não pode ser atribuído apenas a momentos difíceis, de penúria econômica; acabou por constituir o modo de ser deste povo. Entretanto, o termo emigração italiana, entendida homogeneamente é um equívoco. Para o autor, a questão da identidade italiana atravessou os séculos XIX e XX e, em certa medida, ainda não se resolveu. Comenta:

não espanta que boa parte das estratégias emigratórias dos italianos durante esse longo processo que foi a migração em massa tenha se baseado em aldeias e regiões e, não necessariamente, no país Itália, o que leva muitos pesquisadores a questionarem se, mesmo depois da unificação italiana, havia de modo efetivo uma emigração de italianos propriamente ditos (BERTONHA, 2005, p. 94).

A profusão de costumes e de regiões de onde partiram imigrantes italianos se revela nas músicas também. No programa de Dick Danello sempre houve espaço para as traduções, explicações das regiões italianas, seus dialetos e músicas diversas, como argumenta o performer: “sempre procurei esclarecer o ouvinte sobre esta diversidade. O foco do programa é a música” (DANELLO, 2012). Neste tipo de programação, a Itália, aquém e além da unificação geopolítica, expressa-se na música romântica, mesmo para os não italianos, como ilustra a carta de Fernando: “tenho 21 anos e não sou italiano (...) vocês estão de parabéns, pois conseguiram devolver não só a mim, mas a todas as pessoas que ouvem esse programa, uma coisa maravilhosa que há muito tempo estava deixando de existir: o romantismo e a sensibilidade”.¹⁰

¹⁰Carta postada de São Paulo, capital, em 23 de setembro de 1981.

Canções e cartas de ouvintes

¹¹Neste documento a música nem sempre está acompanhada pelo intérprete e a datação é bastante variada por isso não são mencionados aqui o intérprete das canções tampouco a data exata. Optou-se por expor um período: junho de 2011 a março de 2012. Os pedidos de música também aparecem nas cartas coletadas.

¹²Como sugere Valente (2018), tendo em vista a complexidade do termo, objeto de muitos estudos, a música romântica seria de caráter lírico-amoroso percebido em suas letras.

¹³Vale aqui mencionar que a composição *The Prayer* participa da lista das mais pedidas, pois tem como intérprete o tenor italiano Andrea Bocelli e a canadense Celine Dion.

¹⁴Tradução livre da autora: "(...) mas, meu amado, nosso dia chegará, e agora eu amo você, ouço você e quero você aqui comigo (...)" Carta postada em São Paulo, capital, em 19 de setembro de 1999.

Armand Balsebre argumenta que “a música é considerada como a mais pura personificação do rádio (...), como linguagem de imagens sonoras, a linguagem radiofônica tem reforçado o simbolismo da linguagem musical” (2004, p. 92). No caso do programa *Dick Danello Parlando d’Amore*, a força simbólica desta linguagem advém do amor romântico, como tipologia, voltando a Giddens (2011), estendida ao gênero romântico das canções.

Durante a primeira entrevista com Danello (2012), foi possível obter além das cartas, um documento intitulado *PARLANDO D’AMORE – Rádio Trianon – 740* – em que constava pequenos cadastros de ouvintes e seus pedidos musicais. Esta listagem compreende o período entre junho de 2011 e março de 2012. De posse deste material, cataloguei as músicas mais tocadas ao longo de um ano de programação¹¹. Todas podem ser consideradas como românticas¹²: *Il mondo, Io ti Daró di piú, Amore scusami, L’italiano, Noi ciamiamo, Per noi Giovani, L’amore e attimo, Vivo per lei, The prayer*¹³, *Vorrei Incontrarti, Fiumi di Parole, La Pioggia, Rose Rosse, La mia storia, L’ultimo romantico, Caruso, Senza nisciuno, Magia, Champagne, Bela senz’anima, La prima compagnia*.

Ao estudarem a canção romântica na América Latina, Ulhôa e Pereira (2016) concluem que nestas canções sempre existem apropriações históricas, culturais e políticas que se tornam audíveis ao se tematizar a intimidade e o amor. A matriz melodramática presente, e, aqui podemos estender este pressuposto também à música italiana, revela “uma ampla gama de emoções que são conectadas aos indivíduos e inseridas no mundo cotidiano, comum e doméstico” (PEREIRA, 2016, p. 26).

A escuta radiofônica se insere nas atividades simples, nos interiores das casas ou dos automóveis, dos espaços de trabalho, da escuta dispersa. Supomos que nesta cotidianidade “as canções de amor permitem dar voz e forma às emoções e sentimentos, tornando-os inteligíveis” (SPATARO, 2016, p. 71). Tomando a música como um dispositivo promotor da ação, a partir de Denora (2000), Spataro entende que as pessoas interatuam, apropriam-se da música e a utilizam como recurso para refletir sobre si mesmas, auto representarem-se e transitarem de uma situação indesejada a outra melhor, podendo modificar certos estados emocionais.

Muitos programas de rádio valeram-se, ao longo de sua história, de um potente operador que efetiva a apropriação musical, tornando factível o encontro entre o cotidiano de cada ouvinte e o mundo do amor narrado musicalmente mediado pelo locutor: as cartas. Em *Dick Danello Parlando D’Amore*, cartas traduzem os graus de aproximação entre ouvinte e performer, agem como construtos para que desejos íntimos se revelem e tragam substratos amorosos envolvendo os pedidos de músicas, de apoio e as declarações a Danello.

O estudo de canções românticas mostra que “ao escutar uma canção determinada, o sujeito evoca com ela as emoções socialmente unidas a um determinado texto e as vincula, simultaneamente, à sua própria experiência” (SPATARO, 2016, p. 75). No contexto radiofônico, as cartas promovem estas vinculações. A natureza epistolar permite misturar as emergências triviais do cotidiano a certa liberdade que a escrita oferece, “espécie de legitimação”, nas palavras da historiadora Luisa Passerini (2011, p. 163).

Por isso, cartas de ouvintes podem não só vincular a experiência musical à vivida individualmente, mas sobretudo permitem a expressão desse desejo de completude, seja pela via das canções seja por meio do locutor, como as cartas de Zilda, apaixonada por Amedeo Minghi, dirigidas a Danello. Em uma delas, a jovem envia sua fotografia em cujo verso, escreve, em italiano, uma longa declaração ao cantor, da qual destaca-se: “(...) *Ma, mio amado, nostro giorno arriverá, e adesso ti amo, ti sento e ti voglio qui con me*”¹⁴. Vale dizer que toda a carta está em português, o que denota o esforço desta ouvinte.

Ao entrelaçar a vida emocional privada à pública, as cartas socializam a experiência de cada um e desdobram o poder da canção romântica em criar um saber sobre as relações afetivas. As letras das canções mais pedidas em *Parlando* falam às histórias pessoais de quem as escuta, uma vez que tematizam o amor

em suas múltiplas manifestações, e também revelam o amor como experiência social transmitida midiaticamente.

Da vasta memória midiática composta pelas canções selecionadas pelos ouvintes para tocar no rádio, emergem músicas que o convidam a certa dramaturgia identificada com base nas traduções destas letras¹⁵: a) a vivência do próprio amor: *Noi ciamiamo, The prayer, Vivo per lei, Fiumi di Parole, La Pioggia, Rose Rosse, L'ultimo romântico, Caruso, Senza nisciuno, Magia, Champagne*; b) a espera pelo ser amado: *Il mondo, Io ti Daró di piú, Vorrei Incontrarti*; c) a diversão a dois: *Per noi Giovani*; d) o pedido de perdão: *Amore scusami, L'amore e attimo*; e) a desilusão: *Bela senz'anima, La prima compagnia*; f) a ruptura: *La mia storia*; g) o orgulho/amor relativo à Itália: *L'italiano*.

A experiência amorosa mostra-se pessoal e, ao mesmo tempo, socialmente vinculadora. Intersubjetivamente memorável tendo em vista que a memória narrativa trazida pelas cartas que pedem determinadas músicas é uma forma de subjetividade que implica a intersubjetividade, pois se destina a muitos outros sujeitos.

Considerações finais

Os programas italianos no rádio brasileiro, como textos de cultura, dialogam com os processos migratórios vividos no país. Analisou-se *Dick Danello Parlando d'Amore* graças à sua longevidade, tomado como paradigma de programas do gênero que integram a história do rádio. O migrante traz na bagagem a memória musical do território deixado. Em Halbwachs (1990), a memória é construída pelas relações sociais, espaços vividos e grupos em que transitamos, portanto coletiva e social. O passado vivido não é recuperado, mas construído a partir das perspectivas atuais. Neste sentido, a escuta radiofônica ressignifica a memória musical do imigrante, pois insere as circunstâncias do tempo presente desta escuta. Por isso é possível dizer que ela é inventada.

Parlando d'Amore não é apenas um programa para imigrantes e descendentes, mas pode ser compreendido inclusive desta maneira. Erige e inventa o país Itália por meio da ativação de uma memória musical engendrada pelo cancionista italiano romântico que emergiu nas mídias a partir dos Festivais de Sanremo. A memória midiática adensa a dimensão coletiva da memória social e participa também do cotidiano do ouvinte, de sua memória biográfica, como atestam os fragmentos das cartas exibidas.

É a complexa tessitura envolvendo as sutilezas da audição e o prazer da escuta que promove os vínculos sonoros, por sua vez, calcados no amor e na própria disposição do ouvido como órgão social, receptivo, de pertencimento. Estas vinculações tornam possíveis o envio das cartas que expressam social e narrativamente as demandas de amor. Tentativas de completude realizadas como atos simbólicos: a escritura, o pedido da música, o envio de fotografias.

O amor idealizado, faltante por definição, encontra no amor romântico, como construto, a promessa da plenitude. Nas canções mais pedidas, vislumbra-se certa dramaturgia que pode servir como ensinamento das lógicas do amor romântico: vivê-lo, esperar pelo ser amado, divertir-se, mas também sofrer, e, por isso, desiludir-se, perdoar, romper. E voltar a demandar. Talvez nesta pequena teatralidade se encontrem as chaves para conectar a narrativa para uma vida individual criada pelo amor romântico e aquelas tematizadas pelas músicas, social e midiaticamente experimentadas pela via das cartas enviadas ao rádio.

Dentre as canções mais pedidas, *L'italiano* serve como exemplo do amor pelo país, tal como se viu com as cartas de Angélica, Pereira, Francisco, Fernando e Ana, amantes da música romântica italiana. A mesma idealização voltada ao amor por um outro se acha presente para tratar desta Itália musical que promove suspiros nostálgicos, lembrando a carta de Fernando.

Na condição de seres de linguagem, faltantes, feitos de tempo, somos deslocados do passado, por isso, desterrados, tal qual imigrantes, ou apartados da completude desejada e estimulada pela sociedade que edifica o amor romântico. Em *Parlando D'Amore*, inventa-se um signo reconciliador para dar conta desta existência lacunar,

¹⁵As traduções foram obtidas a partir da consulta ao site Vagalume. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/>. Acesso em: 29 ago. 2019.

em deslocamento e incompleta, tornada coerente pela memória sempre construída quando narrada: a Itália romântica musicalizada no rádio.

Para Danello (2012), “o ouvinte tem que sonhar com a música”. Ouvintes sonham a música de um país imaginado como romântico. Este amor aproxima música e linguagem radiofônica e torna o eu-te-amo uma ação que se expande além do clichê. Consente um propósito: palavra arquétipo, mágica e mítica devolvendo ao sujeito o sentimento de que está sendo amado. Desde o início de suas transmissões, Danello finalizou cada uma das emissões com o seguinte bordão: “em qualquer circunstância, aconteça o que acontecer, quero que você saiba que nunca, jamais vou esquecer você”. De muitas maneiras, o programa também disse ao ouvinte: eu te amo. As performances amorosas do locutor-artista, a seleção musical, as cartas dos ouvintes constituem uma linguagem cujo código matriz é o amor romântico vinculador de memórias pessoais, coletivas e narrativas.

Referências

BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico**. Madri: Cátedra, 2004.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984.

BERTONHA, J. F. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BONIN, Jiane A. Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos palimpsestos midiáticos de memória étnica italiana. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 6, n. 15, p. 83-102, mar. 2009.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, G. A programação musical no rádio paulistano. *In*: Simpósio Nacional de História contra os preconceitos: história e democracia, 29, 2017, Brasília, DF. **Anais Eletrônicos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502748811_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf Acesso em: 04 set. 2019.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais em Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LOTMAN, I. **La semiosfera**, vol. 1. Madrid: Cátedra Editorial, 1996.

MAGALHÃES, V. **Imigração em São Paulo e a memória das canções italianas**. *Cadernos CERU*, 23(2), 127-140, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/56981>. Acesso em: 25 ago. 2019.

MATURANA, H; VERDEN-ZÖELLER, G. **Amor y Juego**. Fundamentos olvidados de lo humano. Santhiago: JC-Sáez editor, 2003.

MENEZES, E. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros da contemporaneidade. **Libero**: revista acadêmica/ Programa de Pós Graduação, Faculdade Casper Líbero – v. 11, n. 21, p 111-118, junho 2008.

MORAES, J. G. V. Rádio e música popular nos anos 30. **Revista de História** 140, p.75-93, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18875>. Acesso em: 10 ago. 2019.

NUNES, M. R. F. Fado-Fagulha: Memória e singularidade nas mídias sonoras. *In*: VALENTE, H. (org.) **Trago o fado nos sentidos: cantares de um imaginário atlântico**. São Paulo: Letra e Voz, 2013, p. 212-226.

NUNES, M. R. F. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 1999.

PASSERINI, L. **A memória entre a política e a emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEREIRA, S. L. Matrizes e mediações das canções românticas na América Latina. *In*: ULHÔA, M.; PEREIRA, S. L. (orgs). **Canção Romântica: intimidade, mediação e identidade na América Latina**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016, p. 25-46.

PESSOA, S. C. O empoderamento sutil do ouvinte no radiojornalismo: os desafios de uma cultura além da escuta. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais Eletrônicos**. São Paulo: USP, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0428-1.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

ROSE, S. **La mémoire**. Paris: Seuil, 1994.

ROSE, S. **O cérebro do século XXI**. São Paulo: Globo, 2006.

SPATARO, C. Esa canción cuenta mi historia de amor: mujeres, música romântica y procesamiento social de las emociones. *In*: ULHÔA, Martha; PEREIRA, Simone L. (orgs). **Canção Romântica: intimidade, mediação e identidade na América Latina**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016, p. 71 - 93.

TREHUB, S. E. The developmental origins of musicality. **Nature Neuroscience**, 6, 2003, Jul;6(7): 669-73. Disponível em: <https://www.utm.utoronto.ca/infant-child-centre/sites/files/infant-child-centre/public/shared/sandra-trehub/008.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019.

VALENTE, H. (org.) **A canção romântica no Brasil dos "anos de chumbo": Paisagens sonoras e imaginário na cultura midiática**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

WATZLAWICK, P. *et al.* **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WULF, C. O ouvido. **Revista Ghrebh**, n. 9. São Paulo, março de 2007, p.56-67. Disponível em: http://cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%209/07_wulf.pdf> Acesso em: 29 ago. 2019.

ZAREMBA, L. Um ouvido por um olho. *In*: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). **Anais**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/trabalhos.htm> Acesso em: 15 ago. 2019.

Entrevistas

DANELLO, D. **Entrevista** [out. 2012]. Entrevistadores: M. Nunes, H. Valente, M. Fonterrada. São Paulo: Escritório de Dick Danello, 2012. Videocassete (2h).

DANELLO, D. **Entrevista** [jul. 2017]. Entrevistador: M. Nunes. São Paulo. Via *messenger*.